Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

A Construção da Falácia: teorias raciais e o processo de anulação da teogonia africana

Maxwell Azevedo Viana Moraes[I]

Durante os séculos XIX e XX, o Brasil foi alvejado por diversas ideias de formação de um novo cidadão brasileiro. Tais ideias estavam alicerçadas pelo cientificismo europeu, com destaque a teorias raciais como o darwinismo social, a craniometria e a eugenia. Diante tal fato, muitos intelectuais nacionais apregoaram a necessidade de teorias de classificação das raças, no sentido de delimitá-las a dicotomia entre superiores e inferiores. Tal noção estava presente em distintas searas, como na economia, política, educação, cultura, religião, e na sociedade em suas diversas áreas científicas, como podemos pontuar o direito e a medicina.

A partir da referida oposição, destacamos a título de exemplificação, os povos africanos instalados no Brasil, como elementos inseridos no processo de branqueamento das raças e de negação de seu passado, principalmente no que concerne ao seu culto tradicional e sua religiosidade ancestral. Propondo um comportamento do sujeito enquanto uma doutrina psicológica, houve o escambo do livre arbítrio por um ideal coletivo inconsciente, de prosperidade de mundo, aos moldes de um povo considerado iluminado, porém, carrasco de todo ideal divergente de suas concepções de mundo.

Dessa maneira, numa perspectiva religiosa, observamos que a década de 1940 foi um momento de forte distanciamento da Umbanda em relação às religiões afro-brasileiras existentes a época, como por exemplo, a Macumba, Cabula, Calundú, Cangerê, Xangô, Batuque, Tambor de Mina entre outras, existindo um forte esforço de legitimar a Umbanda como uma religião mais evoluída, distanciada de suas raízes africanas que fora inferiorizada pelo pensamento social de mundo moderno. Como vários antropólogos já analisaram segundo Jung (2016), há um entendimento relevante sobre uma possível "perda da alma", que significa uma ruptura ou dissociação da consciência ética de um povo. Observaremos nos trabalhos expostos abaixo, no que tange o inconsciente coletivo, que em sociedades de culturas tradicionais é comum darem relevância ao viver em comunidade, as quais foram influenciadas diretamente, mesmo de maneira inconsciente, a fim de descaracterizar seu *modus operandi* de vida.

Diante do exposto, foi utilizado nesse trabalho para alicerçar o debate acima realizado, dois textos significativos para a abordagem explicitada. O primeiro estudo intitulado "*Agora sou outro!": Propagandas "educação sanitária nos almanaques de farmácia (1900 – 1945)"*, de Caroline de Lara (2016), nos traz uma abordagem em torno do contexto social brasileiro na transição do século XIX para o XX, ressaltando as noções do campo médico e intelectual, e o uso de medicamentos industrializados como coautores do processo de formação do novo cidadão brasileiro pós República, ações essas, pautadas pelas teorias raciais em voga em tal recorte temporal. O segundo é o trabalho de Mario A. Silva Filho (2015) chamado "*Chega de estultice: estudo etimológico das palavras Umbanda e Kimbanda*" que nos direciona a uma compreensão religiosa. O texto demonstra que alguns pilares da sociedade foram cruciais para a estabilidade, força e resistência de um povo, sendo que a religiosidade e o pensamento sagrado/divino trazem reflexões sobre a visão sócio espiritual, que para ser convertido e se tornar subserviente de um sistema moderno, suas crenças, tradições e mitologias, precisam ser anuladas, para assim, abrir uma nova perspectiva de mundo.

Nesse tocante, para a compreensão dos textos ora citados, utilizamos a análise comparativa, alicerçada pela análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), a qual nos propõe um entendimento textual, pautado por uma abordagem psicossocial de compreensão histórica e religiosa da sociedade brasileira. Sendo assim, foi utilizada no presente estudo, a unidade de contexto, a qual nos possibilitará a compreensão da conexão estabelecida e a significação entre os textos mencionados.

A partir do exposto, destacamos que esse estudo não se encerra por si, pois as abordagens realizadas nos revelam uma relação entre as teorias raciais que se fizeram presentes no inconsciente coletivo nacional, entre os séculos XIX e XX, e que refletiram toda uma nova formação de pensamento nas mais diversas religiões brasileiras, com destaque nesse texto, a Umbanda. Percebemos que as teorias raciais foram sustentadas por um forte pensamento coletivo de mundo, o qual considerava ser necessariamente modernizado. Durante o processo de construção de uma Umbanda brasileira, foi conveniente transvestir e se apropriar da ideia de comunidade religiosa de um povo negro, porém, com um viés de desconstrução daquilo que acreditavam ser uma "selvageria", ou visão "primitiva", buscando trazer "luz" de maneira luso-científica, permutando toda uma visão milenar africana com bases em crendices e achismos de um povo que se considerava superior. Criou-se assim, uma inferiorização e anulação de toda a visão de um povo africano de resistência, com o "adjetivo" de práticas feiticistas atrasadas, descaracterizando e reformulando teorias ancestrais, com o seu olhar de "ciência" alveja dita como correta.

Notas:

[I] Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Esse texto é um fragmento do projeto de mestrado em andamento e apresentado no 33º Congresso Internacional da SOTER - Religião, Laicidade e Democracia - Cenários e perspectivas, 2021. E-mail: maxwellavm@gmail.com.

Referências Bibliográficas:

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004b.

BECHELLI, Ricardo Sequeira**. Metamorfoses na interpretação do Brasil** - Tensões no paradigma racial (Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna). Tese (Doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), USP - São Paulo, 2009.

FILHO, Mario Alves da Silva. **Chega de estultice**: estudo etimológico das palavras Umbanda e Kimbanda. Disponível em: https://pensamentovoa.wordpress.com/?s=diogo. Acesso em: 03 set. 2021.

FONTENELLE, Aluizio. **Exu**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1954.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000.

LARA, Caroline. **"Agora sou outro!"**: propagandas e educação sanitária nos almanaques de farmácia (1900 – 1945). Dissertação (Mestrado em História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2016.

MOTA, Jorge Maurício. **O crime segundo Lombroso**. Disponível em: https://criminologiafla.wordpress.com/2007/08/20/aula-2-o-crime-segundo-lombroso-texto-complementar/. Acesso em 03 set. 2021.

RABAKA, Reiland. **Against epistemic apartheid**: W. E. B Du Bois and the disciplinary decadence of sociology. United Kingdon: Lexington Books, 2010.

RODRIGUES, Elisa. Raça e controle social no pensamento de Nina Rodrigues. In: **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n.2, p. 81-107, jul. /dez. 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SÍKÍRÙ SÀLÁMI, (King). **Ori:** orixá pessoal e guardião do destino. Disponível em: http://www.centroespiritualistaanom.com.br/resources/ORI-Orix%C3%A1-Pessoal-e-Guardi%C3%A3o-do-Destino.pdf. Acesso em: 03 set. 2021.

_____; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.

TAMANO, Luana Tieko Omena. **O pensamento e atuação de Arthur Ramos frente ao racismo nos decênios de 1930 e 1940**. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/issue/view/218. Acesso em: 03 set. 2021.